

CB (2)  
18/12/95 p. 3  
409

# Darcy Ribeiro

*Pela primeira vez, Darcy Ribeiro escreve sobre suas viagens na década de 50, relatando experiências com os índios Urubus-Kaapor, do Maranhão, que nunca tinham tido contato com o homem branco*

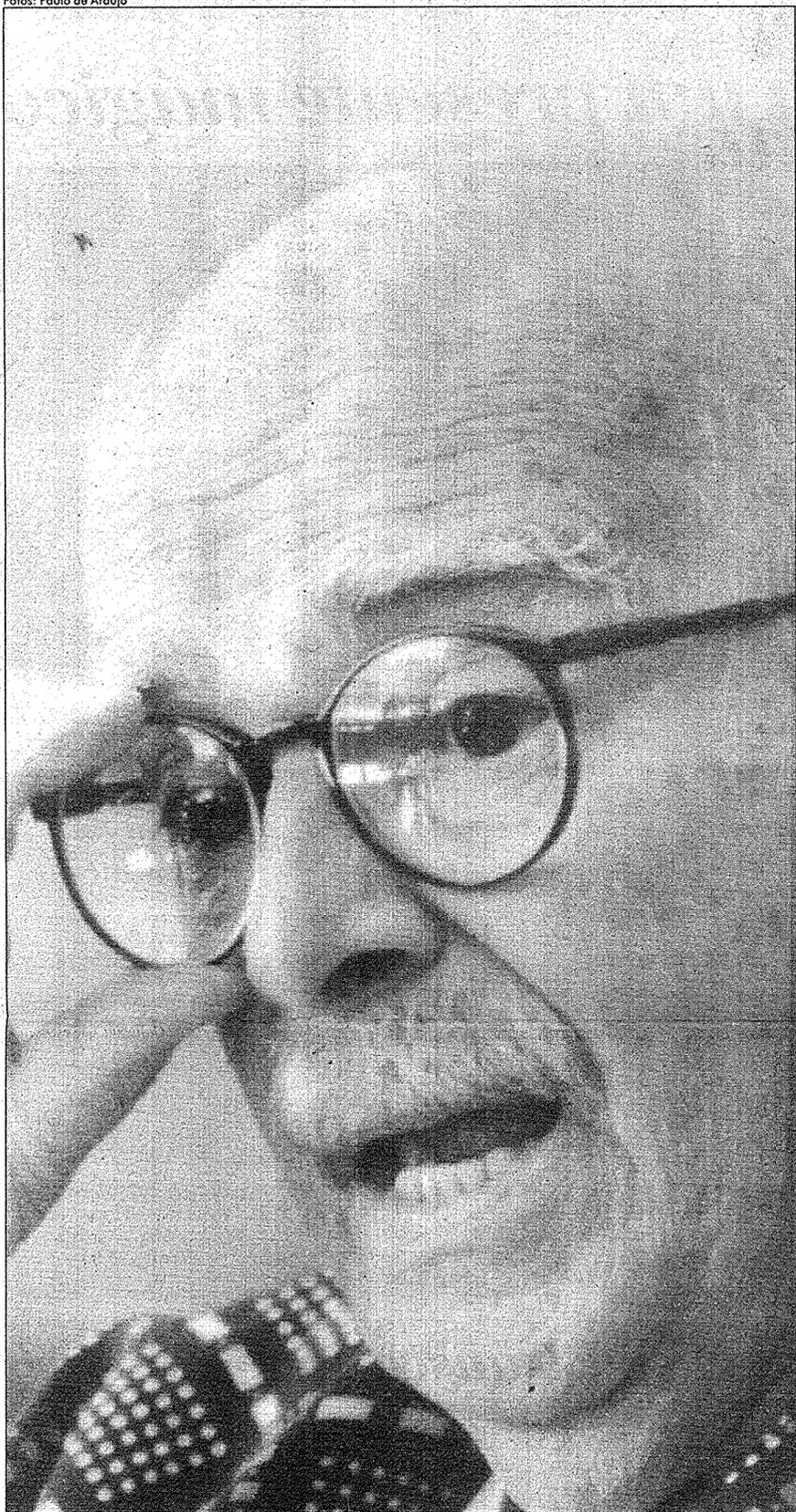
## Antigos diários de expedições viram livro

Paulo Vasconcellos  
Especial para o Correio

Darcy Ribeiro prepara mais um livro. No momento, o antropólogo, diante do computador, transforma em livro um diário sobre os índios brasileiros. O novo livro, ainda sem nome, traz o relato das duas expedições antropológicas que Darcy fez às aldeias dos índios Urubus-Kaapor, descendentes dos Tupinambás, no Maranhão. A primeira começou em outubro de 1949 e terminou em fevereiro de 1950. A segunda foi de agosto de 1951 até o final do mesmo ano. O resultado são seis cadernos de campo que irão render 700 páginas para o livro, lançado pela Companhia das Letras no começo do ano, e que deverá ter edição em francês. A obra será ilustrada com desenhos dos índios e por fotografias em que Darcy, na época com cerca de 30 anos, aparece ao lado dos Urubus-Kaapor. O antropólogo traçou ainda inúmeras genealogias de índios: "Um dos índios que entrevistei foi capaz de enumerar dez gerações da família dele", conta. "É um relato riquíssimo." Os cadernos, escritos à mão, são, de fato, pródigos em histórias curiosas da convivência do antropólogo com os índios e com as populações ribeirinhas do Gurupi. Numa dos relatos, por exemplo, o antropólogo conta seu encontro com um morador ribeirinho, depois de dois dias descendo o rio numa canoa com um companheiro doente e um canoeiro que fumava maconha. Esfomeado e tonto pela fumaça da droga, ele pediu um pouco de comida mas, como o homem não tinha nada, matou o único animal que criava: um porco. "Foi uma coisa dantesca", diz, hoje, Darcy. O diário será o 31º livro escrito por Darcy Ribeiro. O antropólogo vive em regime de urgência. Sobrevivente de um câncer do pulmão, no passado e, agora,

vítima de outro, na próstata, que já lhe consumiu parte dos cinco anos de sobrevida concedida pela medicina, ele não perde tempo. Chegaram a anunciar que a obra seria uma biografia. Darcy, que fala do câncer e da morte sem medo, nega com desdém: "Não tenho tempo para bobagens."

Fotos: Paulo de Araújo



O antropólogo transcreveu os diários sem análises intelectuais: "Como se pegasse a mão do leitor e dissesse: venha comigo"

**Correio Brasileiro — Por que o senhor está trabalhando neste livro?**

**Darcy Ribeiro** — O objetivo é levar o leitor a conhecer os índios pelo diário. Eu digo: venha, pegue a minha mão, vamos andar 1.500 quilômetros na mata, passar por dezenas de aldeias e ver como os índios estão vivendo e conversar com eles. É o oposto da monografia antropológica, etnológica, que eu pretendia fazer no início.

Assim como Florestan Fernandes, que quis estudar os Tupinambás no papel, reconstituindo suas vidas através dos cronistas do século XVI, eu pretendi conhecê-los em carne e osso. Procurei a tribo mais parecida, que já não era nada parecida com os Tupinambás de quase 500 anos atrás, mas que não falava uma palavra de português e me conheceu como o pri-

meiro homem branco.

No diário procuro suprimir a análise antropológica, intelectual, e dar ao leitor a oportunidade de conhecer a vida real daqueles índios. Tem muito mais verdade no que eu digo ali do que teria uma monografia.

**EU QUERIA QUE ELE ME MATASSE MAS, COMO ELE DEMOROU, DEI AS COSTAS E FUI EMBORA**

**CB — Por que tanto tempo para publicar este trabalho?**

**Darcy** — A obra etnográfica é menos perecível e não havia pressa em publicá-la. Acredito que o diário resistiu ao tempo. Uma vez pedi ao Lévi-

Strauss uma opinião sobre meu livro *Processo Civilizatório* e ele respondeu apenas: "Interessante".

Eu reclamei: "Fiz isso durante anos e você diz apenas que é interessante?" Ele explicou: "Mas você é um príncipe da etnologia, sempre usei suas obras." Eu achei muito colonial. "Então você quer que eu faça a etnografia e você a teoria?" Ele concluiu: "Mas a minha obra é para durar 20 anos e a sua é para durar para sempre." Acho que ele estava certo.

**CB — Os desenhos feitos pelos índios nos diários serão reproduzidos no livro?**

**Darcy** — Sim. Esse é um dos atrativos do livro porque os índios não reconheciam meus desenhos, nem eu os deles. Nós temos a noção de que um

desenho é uma convenção em duas dimensões, mas o índio não tem esta noção. Eu fazia o retrato deles e eles não se reconheciam. Do mesmo jeito, eles me reproduziam de um jeito que eu não me reconhecia porque a percepção deles era muito diferente.

**CB — Que lembranças lhe trouxeram os diários ao relê-los depois de tanto tempo?**

**Darcy** — Uma delas foi recordar a surpresa dos índios ao descobrir a lindeza que eram para eles as solas dos meus pés. Eles nunca tinha visto nada tão lisinho. Eu tinha que ficar dias deitado numa rede, com os pés para cima, enquanto os índios vinham esfregar o rosto nas solas dos meus pés para sentir a maciez. Quando descobrimos um bloco de ouro num dente obturado, queriam todos botar as mãos na minha boca para arrancar. Pior foi quando viram que o cozinheiro da expedição era preto. Eles lavavam e arcavam o sujeito para se certificar que aquela era mesmo a cor dele.

**CB — Qual a recordação mais emocionante?**

**Darcy** — Fiquei emocionado ao reler meu primeiro contato com uma das instituições dos Urubus-Kaapor: o "inharmon", que significa raiva. Todô índio tem direito a um dia de "inharmon" na vida e os outros têm que respeitar.

É um sentimento que se manifesta apenas numa situação desesperadora, como a morte de um filho. Nesse dia, o índio urra, grita "inharmon", costuma derrubar casas e destruir tudo o que tem.

Os outros respeitam saindo da aldeia, mas eu não: quis ver o que acontecia e acabei sendo visto pelo índio que fazia seu ritual. A obrigação dele era me matar, eu queria que ele me matasse mas, como ele demorou, dei as costas e fui embora, devagarinho. Nunca mais nos olhamos na cara. Relevo o diário na semana passada fiquei arrepiado ao lembrar a vontade que tive de morrer naquela hora.

**A SOBREVIDA QUE ME DERAM É DE CINCO ANOS. MAS EU JÁ COMI MAIS DE DOIS. VOU TIRAR ISSO DE LETRA**

**CB — Não há nenhum projeto de biografia?**

**Darcy** — Não. O que há é a intenção de um editor de transformar em biografia uma longa entrevista que dei há algum tempo. É uma coisa bizarra. Não passa de um depoimento que eu dei a alguns velhinhos, o Oscar Niemeyer (arquiteto), o Antônio Houaiss (filólogo), o Antônio Callado (escritor) e o Zuenir Ventura (jornalista), que nem é tão velhinho assim. Não vejo sentido em publicar só aquilo. Meus amigos acham que eu tenho uma vida tão movimentada que caberia escrever uma biografia. Mas quem vive assim, à margem da morte, tem que fazer coisas urgentes.

**CB — O senhor teme a morte?**

**Darcy** — Eu já tive um câncer há 20 anos e me custou um pulmão. Este, agora, é na próstata e não pode ser tirado porque tem metástases. A sobrevida que me deram é de cinco anos, mas eu já comi mais de dois. Então, fico assim correndo contra o tempo. Mas, no fundo, não vai ser nada, eu vou tirar isso de letra, jogar este câncer fora, viver muito. Esses dias, por exemplo, uns amigos me procuraram para que eu me candidatasse à reeleição no Senado. É para um mandato de oito anos. Quando terminar, em 2.006, vou estar com 84 anos. É idéia de jerico.

### JOGO RÁPIDO

**BRASÍLIA**

"O presidente Juscelino Kubitschek teve peito e aquela outra peça de macho para construir uma cidade a partir do nada"

**MULHERES**

"Cheirosas, competentes, sérias e honestas"

**PROPRIEDADE**

"O movimento dos sem-terra é o mais importante e o mais perigoso da História do Brasil"

**POVO**

"Desde então me apaixonei por essa cidade, que amo profundamente, e se tornou a minha pátria"

"O 'fazimento' do Brasil foi sobre ventres indígenas e negros. Deu origem a um gênero novo. Caímos na 'ninguentude'."

**FOME**

"O Brasil planta soja para a Alemanha e o Japão. Não tem compromisso com o feijão, mandioca, com o

que o povo come. A atenção que os governos dão ao povo é mesmo muito pequena"

**TRABALHADOR**

"A única coisa que sobre aqui é mão-de-obra. A aspiração do brasileiro é emprego, nem que seja com salário mínimo"



Nas primeiras provas estão sendo feitas as correções